

Aula 8

O NEOPOSITIVISMO OU NOVA GEOGRAFIA E A CRÍTICA RADICAL NA GEOGRAFIA

META

Expor a relação entre Neo-Positivismo e a Nova Geografia ou Geografia Quantitativa. Apresentar as principais características do movimento crítico radical para demonstrar a sua influência no pensamento geográfico.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar as principais características do Neo-Positivismo;
descrever a relação entre o Neo-Positivismo e a Nova Geografia ou Geografia Quantitativa;
identificar as principais características do movimento crítico radical.

PRÉ-REQUISITOS

É recomendável que você releia o conteúdo da Aula 7 para que possa relacioná-lo ao tema a ser tratado nesta aula. Além disso, é fundamental que acesse o site sugerido a seguir e efetue a leitura deste material.

<http://ube-164.pop.com.br/repositorio/18833/meusite/INcorrentesgeograficas>.
Você pode ler também os capítulos 9,10, e 11 do livro Geografia: Pequena História Crítica, disponível na plataforma do CESAD.
4526372-Moraes-Carlos-R-GEOGRAFIA-PEQUENA-HISTORIA-CRITICA-PORTUGUES.pdf (1896KB)

Vera Maria dos Santos

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a),

Na última aula, você conheceu as principais correntes do pensamento geográfico no âmbito da Geografia Tradicional: o Determinismo, o Possibilismo e o Método Regional. Foi sob a base do Positivismo que essas correntes surgiram e apresentaram as diferentes formas de se interpretar a Geografia.

Nesta aula, abordo mais duas correntes de pensamento completamente opostas, mas que deram nova dimensão à Geografia: o Neo-Positivismo e a Crítica Radical. A primeira enquadrou a Geografia no contexto científico global ao introduzir o Positivismo lógico como método de apreensão do real, o que conduziu essa ciência a assumir uma pretensa neutralidade científica. A segunda, a Crítica Radical, despertou na Geografia a preocupação de ser mais crítica e atuante em relação aos problemas sociais.



Richard Peet- a Geografia Radical que emergiu nos EUA em meio aos conflitos sociais e a Guerra do Vietnã juntamente com os conflitos e contradições do capitalismo.

(Fontes: <http://www.clarku.edu>)

O NEOPOSITIVISMO OU NOVA GEOGRAFIA E A CRÍTICA RADICAL NA GEOGRAFIA

A partir da década de 1950, vivemos uma profunda movimentação de ideias que deu origem à chamada revolução quantitativa, fato que provocou o surgimento da “Nova Geografia”. Calcada no Positivismo lógico, a revolução teórico-quantitativa da década de 1950 introduziu profundas modificações na Geografia, como por exemplo, a superação das dicotomias e dos procedimentos metodológicos da Geografia Regional. Na verdade, a Nova Geografia representou mais uma vez a inclusão da Geografia no contexto científico global.

Adotou-se a visão de unidade epistemológica da ciência, calcada nas ciências da natureza. O raciocínio hipotético-dedutivo foi, em tese, consagrado como aquele mais pertinente e a teoria foi erigida em culminância intelectual. Modelos provenientes da Matemática e da Física e a consequente quantificação foram elaborados e, em muitos casos, análogos aos das ciências naturais.

A fim de traçar um panorama genérico sobre a Nova Geografia, é importante especificar suas metas principais:

1. Rigor maior na aplicação da metodologia científica – A metodologia científica representou um conjunto dos procedimentos aplicáveis à execução da pesquisa científica. Há métodos científicos para a pesquisa geográfica, mas não há métodos geográficos de pesquisa.

Nesse momento, a metodologia científica funcionou como o paradigma para a pesquisa geográfica, que mostrou a necessidade de maior rigor nos enunciados e na verificação de hipóteses, assim como na formulação e nas explicações dos fenômenos geográficos. Não se deve, nessa perspectiva, explicar somente o existente e o acontecido, mas ser capaz também de propor previsões baseadas nas teorias e nas leis. Em outras palavras, deve-se ser capaz de prever o estado futuro dos sistemas de organização espacial e de contribuir de modo efetivo para alcançar o estado mais condizente e apto para as necessidades humanas. Criou-se, assim, a simetria entre o passado e o futuro.

Diante dessa nova perspectiva, os enunciados geográficos assumiram o princípio da validade (verdadeiros), em função da sua verificabilidade e teste. O critério de refutabilidade (negação) ganhou importância, e em vez de a validade depender da autoridade do geógrafo que observou e descreveu o fenômeno (ou a região), deu-se mais importância à validade ou não do fenômeno geográfico, a partir dos procedimentos de verificação propostos pela metodologia científica.

2. Desenvolvimento de teorias - A Nova Geografia procurou estimular o desenvolvimento de teorias relacionadas às características da distribuição e

de arranjos espaciais dos fenômenos. A partir de então, os geógrafos passaram a usar e a trabalhar com as teorias disponíveis em outras ciências, como as teorias econômicas, mormente as relacionadas com a distribuição, localização e hierarquia de eventos (as teorias de Christaller, Von Thunen, Losch, Weber). Para poder verificar a aplicabilidade de tais teorias, “[...] muitos geógrafos passaram a estudar os padrões de distribuição espacial dos fenômenos (estudo de distribuições pontuais, de redes ou de áreas), mas sem fazer estudo crítico e propor modificações ou substituições àquelas teorias [...]” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 17-18).

Dentro dessa proposta, o espaço é considerado sob duas formas que não são mutuamente excludentes. De um lado, através da noção de planície isotrópica e, de outro, de sua representação matricial. A planície isotrópica é uma construção teórica que resume uma concepção de espaço derivada de um paradigma racionalista e hipotético-dedutivo.

3. O uso de técnicas estatísticas e matemáticas – Esta meta foi adotada para analisar os dados coletados e as distribuições espaciais dos fenômenos e constituiu uma das primeiras características que se salientou na Nova Geografia, também chamada de Geografia Quantitativa. O uso das técnicas de análise simples, multivariadas e as relacionadas com a análise seriada e espacial constituíram ferramentas para o geógrafo.

4. A abordagem sistêmica - Esta abordagem serve ao geógrafo como instrumento conceitual que lhe facilita tratar dos conjuntos complexos, como os da organização espacial. A preocupação em focalizar as questões geográficas sob a perspectiva sistêmica favoreceu e dinamizou o desenvolvimento da Nova Geografia.

A aplicação da teoria dos sistemas aos estudos geográficos serviu para melhor focalizar as pesquisas e para delinear com maior exatidão o setor de estudo desta ciência, além de propiciar oportunidade para considerações críticas de muitos dos seus conceitos. A teoria dos sistemas foi importante para todos os campos da Geografia que foram revitalizados pela utilização da abordagem sistêmica.

5. O uso e a construção de modelos - Estão relacionados à verificação das teorias, com a quantificação e com a abordagem sistêmica.

Para o geógrafo, o modelo é um instrumento de trabalho que deve ser utilizado na análise dos sistemas das organizações espaciais. Tal como na quantificação, não se deve prender à construção e ao uso de modelos pelo simples objetivo em si mesmo, mas considerá-lo um meio para melhor atingir a compreensão da realidade.

Fundamentada no materialismo histórico e na dialética, a Geografia Crítica procurou romper, de um lado, com a Geografia Tradicional e, de outro, com a Geografia teórico-quantitativa. Essa nova tendência dos estudos geográficos concluiu que as injustiças e as desigualdades sociais e espaciais são estigmas das sociedades capitalistas. Por isso entende-se que

essa corrente de pensamento tenha se desenvolvido no seio dos países capitalistas, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Tal corrente propôs um novo modelo de análise espacial que era rigorosamente científico e ao mesmo tempo revolucionário. Por meio desse modelo, tentou integrar os processos sociais e os espaciais no estudo da realidade e se interessou principalmente pela análise dos modos de produção e das formas socioeconômicas, que são resultantes do modo de produção capitalista.

Vale enfatizar que o modo de produção se tornou um conceito importante nessa corrente de pensamento.

A utilização do conceito de “modo de produção” aparece, então, como o meio que permitiria afastar todo idealismo da análise geográfica. A geografia contribuiria para a compreensão das condições materiais da existência social e, portanto, da constituição de um modo de produção, levando em consideração a divisão territorial do trabalho. Finalmente, o reconhecimento da função ideológica e estratégica inerente ao saber geográfico criaria uma nova prática social e epistemológica. (GOMES, 2007, p. 296).

Assim, o Marxismo seria o embasamento teórico capaz de dar respostas satisfatórias às novas demandas científicas e sociais. Inserida nesse ambiente, a Geografia tinha o objetivo de colaborar ativamente para a transformação radical da sociedade capitalista em direção à socialista, através da revolução.

Segundo Corrêa (2003), o desenvolvimento da análise do espaço no âmbito da teoria marxista deve-se, em grande parte, à intensificação das contradições sociais e espaciais tanto nos países centrais como nos periféricos, devido à crise geral do Capitalismo durante a década de 1960. Tal crise desencadeou o agravamento das tensões sociais, fruto do grande desemprego, dos problemas com habitação, da luta pelos direitos civis e das questões raciais. Além disso, transformou o espaço por ela produzido em receptáculo de múltiplas contradições espaciais que suscitariam a necessidade de se exercer maior controle sobre a reprodução das relações de produção em todos os níveis espaciais.

A partir da década de 1970, muitos geógrafos adotaram o materialismo histórico e dialético como paradigma, em que o espaço é concebido como locus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade, é onde a vida acontece.

O conceito de formação sócio-espacial tornou-se importante por explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço. É nesse espaço onde o homem vive e representa os seus processos vividos, mas, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade.

Consequentemente, não é possível dissociar forma e função da análise do espaço, mas é necessário ir além, inserindo forma e função na estrutura social, sem as quais não captaremos a natureza histórica do espaço.

A estrutura diz respeito à natureza socioeconômica de uma cidade em um dado momento do tempo: é a matriz social, onde as formas e as funções são criadas e justificadas.

Ressalte-se que, se considerarmos apenas a estrutura e o processo, estaremos realizando uma análise a-espacial, não-geográfica, incapaz de captar a organização espacial de uma dada sociedade e a sua dinâmica espacial. Por outro lado, ao considerarmos apenas a estrutura e a forma estaremos eliminando as mediações (processo e função) entre o que é subjacente (a estrutura) e o exteriorizado (a forma). Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Porém, considerados em conjunto e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade.

CONCLUSÃO

Ao encerrar esta aula, podemos concluir que foi desse modo que o Neo-Positivismo e a Crítica Radical buscaram formas diametralmente opostas para analisar a sociedade. Por conseguinte, provocaram grande discussão nos seus métodos de análise, que influenciaram muitos estudiosos no decorrer do século XX.



RESUMO

A corrente neopositivista influenciou a Geografia, que passou a ser denominada de Nova Geografia, Geografia Teórica ou Geografia Quantitativa. Esse movimento buscou redefinir a Geografia como ciência e usou a linguagem matemática como suporte para obter clareza e objetividade necessária ao trabalho científico. Assim, construiu-se um campo teórico de investigação para a interpretação da sociedade em sua dimensão espacial e temporal. Por outro lado, a Geografia Crítica trouxe uma nova forma de interpretação da sociedade embasada no materialismo histórico e dialético. Foi uma grande contribuição que influenciou pesquisadores de diversas áreas ao longo do século XX.



ATIVIDADES

1. Quais foram as inovações propostas pela corrente neopositivista para a Geografia?
2. Qual a importância da Geografia Crítica ou Radical para o pensamento geográfico?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As duas questões devem ser respondidas a partir de uma releitura do texto.



PRÓXIMA AULA

Você vai conhecer a proposta do Humanismo para a Geografia.



AUTOAVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

- Excelente (...)
- Bom (...)
- Regular (...)
- Ruim (...)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia**. Curitiba: Editora da UFPR, 1993. (Didática).
- CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciencia em la geografia contemporânea**. Barcelona: Barcanova, 1988.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço**: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993. (Série Educação).

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até os nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção Filosofia).

SANTOS, Vera Maria dos. **História do pensamento Geográfico**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

Língua portuguesa on-line. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Acesso em 19 de fevereiro de 2010.